

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN (PARTE II – CONCLUSÃO)

3 e 10 de julho de 2025

FACCIA A FACCIA / 1967

Cara a Cara

Um filme de Sergio Sollima

Realização: Sergio Sollima / **Assistência de Realização:** Mariano Canales, Maurizio Mein /

Argumento: Sergio Sollima, Sergio Donati / **Montagem:** Eugenio Alabiso / **Pós-Produção:** Enzo

Ocone / **Efeitos Especiais:** Eros Bacciucci / **Direção de Fotografia:** Raphael Pacheco / **Direção**

de Arte e Cenografia: Carlo Simi / **Assistência à Direção de Arte:** Rapahel Ferri, Antonio Palombi

/ **Som:** Renato Cadueri, Elio Pacella / **Composição:** Ennio Morricone / **Música:** Bruno Nicolai,

Cantori Moderni di Alessandroni, Franco De Gemini, Edda Dell'Orso, Giuseppe Mastrianni /

Caracterização: Rosanna Andreoni, Carlo Simi, Franco Antonelli, Rino Carboni / **Camaras:**

Gastone Di Giovanni / Ruggero Radicchi / **Duplo:** Pietro Torrisi / **Interpretação:** Gian Maria

Volonté, Tomas Milian, William Berger, Jolanda Modio, Gianni Rizzo, Carole André, Ángel del Pozo,

Aldo Sambrell, Nello Pazzafini, José Torres, Linda Veras, Antonio Casas, Frank Braña, Guy Heron,

Rosella D'Aquino, Giovanni Ivan Scratuglia, Lidia Alfonsi

Produção: Produzioni Europee Associate (PEA), Arturo González Producciones Cinematográficas

/ **Produtores:** Arturo González, Alberto Grimaldi / **Direção de Produção:** Pietro Nofri, Aldo

Pomilia, Thomas Sagone, Norberto Soliño / **Cópia:** 35 mm, cor, legendado eletronicamente em

português / **Duração:** 111 minutos / **Estreia:** 24 de novembro de 1967, Itália / **Estreia em**

Portugal: 28 de novembro de 1980 / Primeira exibição na Cinemateca.

Aviso: A Cópia apresenta sinais de desgaste, designadamente riscos no suporte, bem como alguns cortes e desenquadramentos que não prejudicam drasticamente a narrativa. Apesar dos sinais de desgaste e da fragilidade física da cópia a sua qualidade de imagem em projeção é aceitável.

Na impossibilidade de redação de um texto original reproduzimos aqui o que Edward Buscombe escreveu no seu “100 Westerns” onde enumera 100 filmes-chave do género.

Naquela que talvez seja a sua interpretação mais contida e convincente num western spaghetti, Gian Maria Volonté dá vida a Brad Fletcher, um professor de História em Harvard que parte para o Texas para se convalescer. Por um acaso, cruza-se com o fora-da-lei Beauregard Bennett (Thomas Milian), a quem ajuda a escapar dos brutais guardas que o capturaram. Em Purgatory City, Beau recebe uma oferta de 5.000 dólares para livrar a cidade dos pistoleiros que andam a assaltar os habitantes. Impressionado com as capacidades de Beau, Brad decide juntar-se ao fora-da-lei, que entretanto começa a reorganizar o seu *gang*, conhecido como os Beau's Raiders. Brad faz-lhes palestras sobre os fundamentos filosóficos da moralidade, enquanto aprende a manusear uma arma. Os homens de Beau são geralmente vistos como “bandidos sociais”, que atacam

autoridades e instituições corruptas, como os bancos, mas o próprio Beau reconhece que são anacronismos; “fantasmas do passado”, diz ele, cowboys sem vacas, garimpeiros onde já não há ouro, incapazes de aceitar o caminho-de-ferro ou o telégrafo.

Brad torna-se cada vez mais fascinado com os desafios intelectuais da vida de fora-da-lei e assume a responsabilidade de planear um assalto a um banco. Mas o plano corre mal, em parte porque os Raiders têm um informador infiltrado, Charlie Siringo (William Berger), uma figura histórica que trabalhou para a Pinkerton Detective Agency. Outro factor no fracasso do assalto é a recusa de Beau em matar um rapazito mexicano que corre pela rua aos gritos a dar o alarme. Como consequência, Beau é capturado e Brad assume a liderança dos Raiders; à medida que Beau se torna mais brando, Brad torna-se cada vez mais brutal nos seus métodos. Toma à força a mulher por quem se sente atraído, e quando o amante dela o enfrenta, Brad espanca-o com tal ferocidade que tem de ser contido; “I Wanted to kill”, diz ele. Em contraste, Beau recusa-se a aproveitar-se de Cattle Annie (Carole André), uma jovem inocente que está apaixonada por ele. Quando capturam outro agente da Pinkerton, Brad tortura-o enquanto lhe dá uma lição sobre a moral do homicídio: a morte de um só homem é assassinato, argumenta, mas “a violência praticada por multidões chama-se história.” Beau escapa da prisão, mas os vigilantes destroem o acampamento dos bandidos. Brad e Beau conduzem os sobreviventes pelo deserto, onde Charlie Siringo os alcança, e dá-se um confronto a três, no qual Brad primeiro fere Siringo, mas é baleado por Beau quando tenta matá-lo. Ao perceber que Beau se fartou de matar, Siringo deixa-o ir.

Como é habitual no western italiano, há tiroteios suficientes para satisfazer quem procura ação, mas o principal interesse do filme reside no desenvolvimento da relação entre o professor sério e determinado e o carismático chefe de bando. Brad acredita estar no pleno controlo de si mesmo, mas o seu intelectualismo serve apenas para disfarçar a sua crescente sede de violência, que acaba por funcionar como justificação ilusória. Christopher Frayling viu nesta dinâmica uma metáfora para o fascismo europeu — e tendo em conta o clima político em que muitos cineastas italianos trabalhavam nos anos 60, é difícil discordar.

Edward Buscombe